

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

UMA ANÁLISE SOBRE AS CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES DOS ALUNOS
DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

RAFAEL LUCAS STRESSER

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Profº Drº Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva.

RECIFE

Dezembro, 2021

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação Universidade
Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

S915a Stresser, Rafael Lucas
 UMA ANÁLISE SOBRE AS CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES DOS ALUNOS DE
 BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
 PERNAMBUCO (UFRPE) / Rafael Lucas
 Stresser. - 2021.
 26 f.

Orientadora: Maria Auxiliadora
Goncalves da Silva. Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2021.

1. Masculinidades. 2. Socialização. 3. Universidade. I. Silva, Maria Auxiliadora Goncalves da, orient. II.
Título

CDD 300

**UMA ANÁLISE SOBRE AS CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES DOS ALUNOS
DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)**

Artigo aprovado em ___/___/___ como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, por todos os membros da banca orientadora.

BANCA EXAMINADORA

_____ nota _____
Prof. Dr. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva

_____ nota _____
Prof. Dr. Rosena Borges de Medeiros

_____ nota _____
Prof. Dr. Rosa Maria de Aquino

UMA ANÁLISE SOBRE AS CONCEPÇÕES DE MASCULINIDADES DOS ALUNOS DE BACHARELADO CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

Rafael Lucas Stresser¹

RESUMO

Esta pesquisa busca entender as masculinidades e os processos de socialização. O trabalho começa com um debate sobre o processo de socialização que Peter e Brigitte Berger (1977) caracterizam como imposição de condutas sociais. Logo após, uma discussão sobre modelos de hombridades. Sua discussão teórica relembra o que disse Connel (1995) sobre aspectos patriarcais de determinadas performances de masculinidades. Por fim uma pequena conversa sobre o que disse Santos (2005) sobre as crises da Universidade e depois utiliza-se Chauí (1999) para pensar sua ideia de Universidade operacional e Universidade como instituição social. Embora não tenha sido possível observação direta devido à crise sanitária da COVID-19, foi utilizado a técnica de entrevista *online* semiestruturada para responder o problema chave dessa pesquisa: como são formados os modelos de masculinidade dos alunos de ciências sociais da UFRPE? Como resultado final descobre-se que fatores como pais, amigos, e instituições como o serviço militar e a Universidade, são responsáveis por difundir modelos de masculinidades, mas os modelos não são estáticos e estão sempre em estado de reconfiguração.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; Socialização; Universidade.

ABSTRACT

This research seeks to understand masculinities and socialization processes. The work begins with a debate on the socialization process that Peter and Brigitte Berger (1977) characterize as the imposition of social behaviors. Afterwards, a discussion on hombrity models. His theoretical discussion recalls what Connel (1995) said about patriarchal aspects of certain performances of masculinities. Finally, a short conversation about what Santos (2005) said about the university crises and then Chauí (1999) is used to think about her idea of an operational university and university as a social institution. Although direct observation was not possible due to the health crisis of COVID-19, the semi-structured online interview technique was used to answer the key problem of this research: how are the masculinity models of social science students at UFRPE formed? As a final result, it is found that factors such as parents, friends, and institutions such as the military service and the university are responsible for spreading models of masculinity, but the models are not static and are always in a state of reconfiguration.

¹ E-mail: Rafael.Lucas.Stresser@gmail.com

KEYWORDS: Masculinities; socialization; university.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal procurar compreender a construção dos modelos de masculinidades entre os alunos do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Os objetivos específicos são entender o que são as masculinidades e as estruturas de poder que as fundamentam e mapear os principais atores e processos de socialização que influenciam no comportamento dos sujeitos. Nota-se que as masculinidades são construídas através de um processo histórico de influências internas e externas que é imposto e amplamente divulgado por diversos veículos de comunicação e atores sociais. Dentro do curso de bacharelado em ciências sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, encontramos diversidade nas formas de expressão de masculinidades que vão desde masculinidades consideradas hegemônicas à expressões de gênero subalternas e dissidentes.

É importante refletir sobre as masculinidades para pensar sobre os determinantes que formam o sujeito generificado na sociedade, para a reflexão sobre a concepção do que é ser homem na sociedade nos seus devidos recortes de tempo e espaço e como isso identifica imposições de comportamentos que é socialmente ensinado. Dando visibilidade, não somente a um padrão hegemônico de masculinidade na qual se pauta nas diretrizes do patriarcado, mas principalmente a modelos plurais de performances de masculinidades.

Os sujeitos com expressões plurais de masculinidade que não correspondem com expectativas da heteronormatividade e do patriarcado estão sujeitas a serem vítimas de agressões físicas, psicológicas ou simbólicas. Muitas violências que essas pessoas sofrem são por não corresponderem a padrões de masculinidades ou feminilidades preestabelecidas socialmente. Então, esta pesquisa propõe a fazer uma reflexão sobre as diferentes concepções de masculinidade e como isso identificar situações impostas de comportamentos que são socialmente ensinados. Pesquisas como esta são importantes, pois pretendem evidenciar transformações do comportamento, retirando aspectos naturais sobre determinados modelos de masculinidades e evidenciando masculinidades plurais e dissidentes.

Januário diz que "a feminilidade e a masculinidade são socialmente percebidas como uma construção feita a partir de modelos culturais que impõem um padrão normativo, sujeito à vigilância social". (2016, p. 79). É através dos fenótipos biológicos, características como a posse de um pênis ou vagina que criam expectativas para a forma de como "deve" se comportar. Através de uma imposição cultural misógina e machista oriunda da colonização pelo homem branco europeu, o homem ou aquilo que é idealizado como masculino é reverenciado e lhe é atribuído poder, em contra partida a mulher ou aquilo que é idealizado como feminino é objetificado e destituído de qualquer agência, embora esteja havendo mudanças nessa estrutura de poder, graças aos avanços dos movimentos sociais e das teorias feministas. Os sujeitos são diversos, cada pessoa carrega em seu corpo um acúmulo de ideologias e símbolos que podem ultrapassar a ideia de binaridade, masculino/feminino, todavia, qualquer sujeito que incomode os padrões hegemônicos, patriarcais, brancos, cis, heterossexual e burguês é excluído e marginalizado e seus corpos se tornam dissidentes.

Um dos principais conceitos abordados nesta pesquisa é das masculinidades, se tratando de um conjunto de comportamentos situados nas relações de gênero e, quando nos referimos ao gênero, estamos pensando em estruturas amplas que englobam a economia, o Estado, a família e a sexualidade. Podemos analisar a construção das masculinidades através da coerção social, quando homens são pressionados a se comportar de uma forma que se distancie de comportamentos de feminilidade, no qual é compreendido como seu oposto. Porém Connell (1995) também sugere que vejamos as masculinidades enquanto um projeto que se desenrola ao longo dos anos que se configura pelas relações institucionais como o mercado de trabalho, as escolas, Universidades ou pelas relações culturais: comunicações de massa, religiões e feminismos.

Já Kimmel afirma a existência não somente de um ou dois tipos de masculinidade, mas uma variedade de masculinidades. Existe uma construção histórica da masculinidade, que se diferencia no tempo e no espaço, através de diferentes culturas. Neste sentido Kimmel declara que "devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos." (KIMMEL, 1998 p. 106).

A partir dessa problemática, é importante pensar como são construídos os

comportamentos e as personalidades dos sujeitos. Utiliza-se a teoria de socialização, trabalhada por Peter Berger e Brigitte Berger (1997), que caracteriza a socialização como o processo pelo qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade. Esse processo se inicia primeiramente através da influência da família e posteriormente através de outros atores significativos. A socialização começa ainda quando crianças, quando seu microcosmo se desenvolve por meio das relações sociais intermediadas pelos adultos presentes no seu mundo social. Para melhor compreender, vejamos os autores:

Os adultos apresentam-lhe certo mundo – e para a criança, este mundo é *o* mundo. Só posteriormente a mesma descobre que existem alternativas fora desse mundo, que o mundo de seus pais é relativo no tempo e no espaço e que padrões diferentes podem ser adotados. Só então o indivíduo toma conhecimento da relatividade dos padrões e dos mundos sociais. (BERGER; BERGER, 1977, p. 205)

Com base na citação acima, podemos obter algumas informações. As crianças estão sujeitas a introdução dos pais ao mundo, para as crianças esse mundo é único até tomar conhecimento da existência de outras realidades. A partir desse conhecimento o sujeito, então, pode relativizar as realidades e refletir sobre elas. Com isso em mente a construção de um modelo de masculinidade advém da realidade social a qual a criança está inserida. Outras formas de socialização são através de veículos de mídias, ou por instituições como a Universidade. A exemplo, Janúario (2016) fala que a indústria da mídia publicitária molda corpos e costumes, na intenção de aumentar e difundir ideias de beleza, juventude e poder, construindo um tipo ideal de masculinidade que todos devem tentar alcançar. A Universidade também se torna um agente socialização, através dos seus espaços de debate.

Neste artigo utilizamos de revisão bibliográfica, que consiste em aprofundar os conceitos que serão utilizados nesta pesquisa, tais como as expressões de gênero, de masculinidades e os conceitos de socialização. Esta pesquisa utilizou a técnica de entrevista semiestruturada, tendo por objetivo entender melhor como se dá a construção das masculinidades nos homens. A princípio pretendíamos realizar observações diretas dentro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), mais precisamente no prédio do Centro de Ensino Obra Escola (CEGOE), onde são realizadas as aulas dos alunos do curso de Ciências Sociais, o local escolhido possui os fatores necessários para a construção do trabalho. Como a Universidade pública tem como objetivo ser um espaço democrático e aberto, dentro do campus encontra-se uma amostragem diversificada de pessoas, com as mais diferentes origens. Todavia, devido à crise sanitária atual em decorrência da pandemia da

COVID-19 que assolou o mundo em meados de 2019, eventos, espaços e prédios públicos foram fechados para seguir as recomendações sanitárias da Organização Mundial da Saúde (OMS). Lugares onde poderiam ser realizadas as observações diretas foram cerrados. A partir desse obstáculo não conseguimos realizar neste semestre atual as observações diretas, decidimos nos focar na técnica de entrevistas semiestruturadas, utilizando ferramentas de comunicação a distância para manter o distanciamento social.

Consideramos importante mencionar que o pesquisador empenhado neste trabalho científico faz parte do grupo que irá ser pesquisado, um homem cis, com uma expressão de gênero afeminada e um modelo de masculinidade específica, considerada subalterna. Recorremos a Gil que define essa relação como observação natural, explicando que “a observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação.” (GIL, 2008, p. 103). Foram entrevistados quatro estudantes do curso de ciências sociais da UFRPE, os sujeitos foram escolhidos pensando numa maior diversificação identitária, cada um com suas próprias trajetórias. As entrevistas foram realizadas pela ferramenta de reuniões *online* do *google meets* e por ligações pelo aplicativo do *whatsapp*.

Uma das técnicas de coleta mais comuns em pesquisa social é a utilização de entrevistas. Neste trabalho foi utilizado o modelo de entrevista semiestruturada, na qual deixará o entrevistado mais à vontade para desenvolver as respostas e estimulando o diálogo com o entrevistador. Minayo (1993) se refere como um modelo mais “fácil”, pois toma como apoio uma sequência de questões pré-estabelecidas, dessa forma facilitando a abordagem e assegurando cobrir seus objetivos com a entrevista. Foram escolhidos um aluno por turma, totalizando quatro entrevistas, procuramos escolher entrevistados diferentes uns dos outros, por cor, gênero e trajetórias de vida. Uma parte crucial no processo das entrevistas será a utilização de instrumentos para o registro da conversa. Seguindo regras previamente estabelecidas, todas as entrevistas serão gravadas e arquivadas² como prova do seu respeito com a verdade.

Dentre os instrumentos de garantia da fidedignidade o mais usual é a gravação da conversa. Ou, ainda quando existe possibilidade técnica e abertura do grupo pesquisado, podem ser usados outros recursos, como filmagens. É necessário

² As gravações das entrevistas foram autorizadas pelos entrevistados previamente, tendo essas autorizações registradas em áudio.

ressaltar que qualquer tentativa de assegurar o registro em toda a sua integridade precisa do consentimento do interlocutor. (MINAYO, 1993, p. 273).

O artigo está dividido em quatro seções, começa abordando o conceito de socialização, pensando como que padrões de comportamentos são socializados e perpetuados entre as gerações. Procurando também descobrir quais são os meios pelos quais a socialização acontece e como os atores sociais e veículos de mídia fazem parte dessa relação, a segunda parte deste trabalho foca nas relações de gênero existentes dentro das masculinidades e também pensa também sobre como essas masculinidades são formadas, e como algumas são colocadas em perspectivas hegemônicas, detendo privilégios e poder em relações a outros modelos plurais.

Na terceira seção fez-se necessário, criar um espaço para refletir sobre a Universidade enquanto uma instituição elitista e sua democratização. Nesta seção veremos as três crises universitárias e a crítica a um modelo específico de Universidade na qual exclui o debate de ideias e o desenvolvimento do pensamento crítico. Por último, através do material recolhido em entrevistas com estudantes do curso de Ciências Sociais e do levantamento bibliográfico, faremos um exercício de reflexão sobre os modelos de masculinidades encontradas entre os alunos, e como foram concebidos esses modelos, quais foram as influências necessárias para isso acontecer.

Processos de Socialização

O início da socialização começa ainda na infância, quando nesse estágio a criança começa a experimentar as sensações do mundo físico e as relações do mundo social. Enquanto crianças não sabemos diferenciar experiências sociais e não-sociais, todavia os componentes não-sociais dessas experiências ainda são revestidos de aspectos sociais, através das ações de outras pessoas que de algum modo moldam as experiências da criança. Para ilustrar podemos utilizar o exemplo que Berger e Berger, (1977) usam. Uma criança brincará com um determinado objeto, tal objeto foi disponibilizado por um adulto, nesse momento de brincadeira a criança experimenta alegria e prazer, mas se o determinado objeto for de algum modo perigoso e acontecer um acidente a criança experimentará dor e angústia. Seja qual for o caso, as sensações que a criança sentiu foram determinadas pela interação social que a mesma teve com outra pessoa.

“Quase todas as facetas do mundo da criança estão ligadas a outros seres humanos. Sua experiência relativa aos outros indivíduos constitui o ponto crucial de toda a experiência” (BERGER; BERGER, 1977 p. 201). É através das experiências com outros indivíduos que se formam os padrões e é através desses padrões que se formam as relações com o mundo exterior. A criança possui um microcosmo onde reside suas experiências não-sociais e sociais e existe um macrocosmo – que fica invisível a criança até certo ponto – que molda e define as experiências do seu microcosmo.

As experiências que as crianças têm em seus microcosmos diferem de acordo com o macrocosmo em que estão inseridas. Em outras palavras, as experiências que as crianças vivenciam serão definidas pelo tempo e espaço relativo ao seu mundo social. Uma criança negra crescida nas favelas do Recife terá uma experiência de mundo diferente de uma criança branca crescida no subúrbio da Nova Zelândia. Essa experiência de mundo também muda segundo a identidade de gênero e sexualidade da criança. Por definição socialização é:

[...] a imposição de padrões sociais à conduta individual [...] os padrões impostos durante o processo de socialização são altamente relativos. Dependem não apenas das características individuais dos adultos que cuidam da criança, mas também dos vários grupamentos a que pertencem esses adultos. (BERGER; BERGER, 1977, p.204).

As implantações dos padrões são absolutas nas crianças, por dois fatores. Primeiro pelo poder que os pais possuem sobre a criança e segundo pelo desconhecimento que estas têm de outros padrões. O desconhecimento de outras realidades é uma ferramenta para a perpetuação e reprodução de um padrão de comportamento, assim como, o poder que os pais têm de punir, ameaçar ou recompensar (BERGER; BERGER, 1977). A socialização é entendida como uma série de controles apoiados por um sistema de punição e recompensa e é através desse processo que a criança pode desenvolver-se para ingressar no mundo ao seu alcance, ou seja, no mundo social.

O mecanismo fundamental para o processo de socialização é a interação e identificação com o outro. Esse processo se realiza pelo reconhecimento do comportamento do outro. Esse outro consiste em primeira instância pelos pais da criança ou pessoa cuidadora, a qual a criança possui admiração e depois por demais atores socializantes. “Tomar as atitudes do outro” é aprender e reconhecer a atitude do outro compreendendo seu sentido e tomando para si, através da prática de mimetização e depois interiorização. Vejamos o que Peter e

Brigitte Berger falam sobre o processo de reconhecimento e interiorização:

Esse termo significa que o mundo social, com sua multiplicidade de significados, passa a interiorizar-se na consciência da criança. Aquilo que anteriormente era experimentado como alguma coisa existente fora dela agora também pode ser experimentado dentro dela. [...] Afinal, a consciência é basicamente a interiorização (ou melhor, a presença interiorizada) dos comandos e proibições de ordem moral vindas do exterior. [...] À medida que a socialização foi levada avante, a criança passou a identificar-se com esses postulados morais. Ao identificar-se com eles, realizou sua interiorização. (BERGER; BERGER., 1997, p.208-209).

Na intenção de entender um pouco mais sobre a perpetuação de um determinado modelo de comportamento na sociedade, trazemos, agora, Elias (1993), ele explica que o processo civilizador não é racional, pois não é resultado de deliberações de uma pessoa ou um conjunto de pessoas; e nem irracional, pois surgiu de maneira que possa ser compreendido. Para viver em comunidade é imposto ao sujeito ter que conviver e se relacionar– pelo menos até certo grau – com outras pessoas, esse processo o autor chama de “entrelaçamento social”. o autor vai dizer:

A civilização não é ‘razoável’, nem ‘racional’, como também não é ‘Irracional’. É posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se veem obrigados a conviver. (ELIAS, 1993, p. 195).

O autor, nos questiona como os relacionamentos sociais moldam a personalidade de maneira civilizatória. Através da complexificação da sociedade pela divisão social do trabalho, onde as funções sociais crescem e se tornam mais diferenciadas e cada vez mais dependentes uma das outras. Essas inter-relações sociais compeliram os sujeitos a se regularem a um padrão uniforme e estável. Explicando mais a fundo, citamos mais uma vez quando ele fala:

O controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma auto compulsão a qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se ‘corretamente’ dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social. (ELIAS, 1993, p. 196.)

Então entende-se que o processo de socialização e civilização fazem parte de um mesmo processo que tem como objetivo moldar as características comportamentais do sujeito.

É um mecanismo para a propagação e perpetuação de um padrão de comportamento. Ser homem é algo ensinado aos meninos desde muito cedo, onde padrões de comportamento são impostos às crianças e posteriormente esperado nos jovens e adultos. É colocado um modelo ideal de masculinidade, o que chamamos de modelo hegemônico, os homens são “educados” a se comportar e agir de determinada maneira, seguindo padrões socialmente estabelecidos pelos agentes de socializantes: nossos pais, amigos, pelo meio social e pela mídia que consumimos.

Outra forma de socialização é através da mídia. Em artigo escrito pela socióloga Soraya Barreto Januário (2016), mostra uma lógica mercantilista da indústria da mídia publicitária que interfere nos corpos e costumes. A mídia está em constante estado de mutação em que busca se reinventar para incentivar o mercado do consumo. “O discurso publicitário fomenta cenários e situações ficcionais em que difundem ideias de beleza, juventude e poder, oferecendo simbolicamente essas necessidades aos indivíduos” (JANUÁRIO. 2016, p. 250). Através da luta histórica do movimento feministas e posteriormente pela pelo movimento gay, buscou-se uma nova formatação da estrutura social das relações de gênero. Em contrapartida, a mídia se apropria dessa nova estrutura social emergente e se modela para uma nova representação de gênero.

Através da construção naturalizada de uma masculinidade que justifica comportamentos agressivos, machistas e homofóbicos. A imagem do homem é retratada socialmente e historicamente com forte, dominador e provedor, em contrapartida a mulher é colocada como submissa, dona de casa e alvo do desejo desse homem. Januário (2016) afirma que houve uma mudança na representação do masculino no final do século XX e início do século XXI. Os anúncios dirigidos para o público masculino, não retratam somente o corpo da mulher como objeto. Agora transmite a autopreservação do homem que se trata de uma nova forma de experiência na masculinidade. A publicidade inicia um processo de mudança da imagem do homem.

A noção de beleza e sucesso, associada à imagem do físico controlado e disciplinado que constantemente se difunde na publicidade, vai ao encontro das estratégias do marketing que transpõe para o homem e para o seu corpo as suas normas de controle da mercadoria. Este homem representado, normalmente, não possui imperfeições doenças, falhas, estabelecendo-se um modelo ideal de exposição do corpo ao nível da beleza, definição, saúde e produtividade [...] é inegável que a cultura dos meios de comunicação de massa se repercute na vida social, induzindo e persuadido os seus públicos. Na mesma linha, a publicidade reflete e reforçar os padrões comportamentais estabelecidos socialmente em uma determinada época.

(JANUÁRIO. 2016, p. 252-254).

A indústria da mídia descobriu no masculino uma potência comercial, um novo mercado a ser explorado pela cultura consumista. A mídia publicitária identifica mudanças na estrutura social de gênero e se torna então um instrumento para construção de um novo ideal de masculinidade, se afastando de um modelo agressivo e viril, para um modelo que visa a saúde estética do corpo, para caber nos novos padrões sociais emergentes.

Expressões de gênero e de masculinidades

Não se nasce homem, torna-se homem, parafraseando a célebre frase da pensadora e teórica de gênero Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, queremos dizer que todos os aspectos que fazem o homem “ser homem” estão relacionados a construções sociais que lhe é ensinado por processos de socialização. Precisamos também demarcar uma diferença entre sexo e gênero. Sexo (biológico) e gênero (construção social), mostrou ser imprescindível para as análises sociais, possibilitando demonstrar que as relações entre homens e mulheres e seus significados simbólicos com as categorias “mulher” e “homem” são socialmente construídos e não são naturais, fixos ou predeterminados (MOORE, 1997).

Os ideais de masculinidades foram atrelados a modelos naturais que se utilizaram de diferenças biológicas para conceber o que deveria ser o homem, esse modelo era delimitado pela existência do falo/pênis. Por consequência foi institucionalizado discursos sociais e científicos que relacionam o comportamento dos homens às suas características físicas como a força, coragem e virilidade. Se desfazendo dessa noção natural e biologizante, Januário (2016) nos diz que não existe uma forma única de ser homem, o gênero é uma expressão cotidiana, sua prática permite experiências de transformação, existem na realidade formas múltiplas de masculinidades, que são configuradas através do tempo e espaço, de maneira fluida por meio de um processo individual e social ao mesmo tempo. Kimmel vai pontuar:

Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (KIMMEL, 1998, p.105).

O recorte de raça também é um fator fundamental para construção das masculinidades.

São esperados de pessoas de cor determinadas performances de masculinidades partindo de pressupostos raciais, a exemplo do homem preto que lhe é exigido virilidade, força e disposição incansável para o sexo e esse homem não pode demonstrar nenhum sinal do que pode ser considerado fraqueza ou feminilidade. Em contra partida o homem asiático perde completamente a virilidade, ele é alocado como um ser assexuado, frágil e com uma masculinidade feminina ou menos homem, por padrões ocidentais. Outro ponto interessante na construção da masculinidade é a masculinidade pelo “não ser”:

A masculinidade tem sido definida pelo ‘não ser’ e por categorias de diferenciação como não ser feminino, não ser homossexual, não possuir traços femininos ou andrógenos. [...] A virilidade não é um dado natural, deve ser construída repetidamente. Para receber o rótulo de “homem”, desde o período da adolescência, ‘o macho’ é obrigado a cumprir com determinados papéis socialmente impostos e assumir características que o qualificam como tal. A iniciação sexual precoce, muitas vezes impostas pelo pai, a ideia de ‘garanhão’ e de não falhar no ato sexual tornaram-se exemplos quotidianos do papel do homem. (JANUÁRIO, 2016, p. 91-92).

Podemos perceber que é necessário um grande esforço para ser homem, ou provar-se homem. Comprovar e manter a virilidade, uma característica que é considerada natural à identidade masculina, pode ser um processo doloroso para os homens, pois exige que o mesmo renuncie de experiências e momentos que possam induzir a ideias de fragilidade, sensibilidade e prazer. Essa “castração” exemplifica que a identidade masculina está apoiada e padrões de comportamentos patriarcais que são socialmente construídos, mostrando mais uma vez o carácter de construção social de ser homem (JANUÁRIO, 2016).

Uma ideia importante para o debate da masculinidade e conceituação da masculinidade hegemônica. Ela é considerada como uma expressão de gênero que legitima o patriarcado no processo de dominação dos homens e subordinação das mulheres, Januário explica:

A Masculinidade não possui um papel estático, fossilizado; é sustentada por estruturas e normas sociais, sendo a heterossexualidade uma das partes fulcrais da hegemonia no contexto ocidental. A masculinidade hegemônica teve como referência o patriarcado, já que no âmbito das relações de gênero se configura como processo dominante dos homens e de subordinação das mulheres. (JANUÁRIO, 2016, p. 121).

A legitimação dessa hegemonia é exercida através de dois pontos: a naturalização consensual dessa narrativa realizada através da persuasão da população e, em segundo, a constante disputa pela manutenção do status hegemônico que acarreta constantes tensões entre

outros grupos. No texto de Kimmel há uma citação de Erving Goffman muito interessante a qual Goffman ilustra de maneira muito vívida o homem hegemônico e como essa figura hegemônica subordina outras formas de masculinidades.

Há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ser uma imagem de si mesmo - pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior. (KIMMEL, p. 107, 1998. apud GOFFMAN, 1963, p. 128).

Esse é o modelo idealizado de homem que é imposto para ser alcançado, mesmo esse padrão sendo irreal e excludente o molde hegemônico de masculinidade é usado como parâmetro para excluir e homogeneizar outros homens e outras masculinidades. Ou seja, a masculinidade hegemônica é a apresentação de uma forma de masculinidade dominante no seu determinado tempo e espaço que se destaca em relação a outras formas, um modelo quase impossível e que exerce pressão sobre o universo masculino (JANUÁRIO, 2016).

Refletindo sobre a criação do modelo hegemônico através de teóricos como Rousseau, Weber, Marx quando estes falam sobre o homem civilizado, o homem trabalhador, criou-se uma narrativa generalizada sobre um ideal de homem, culto, justo, trabalhador, defensor da liberdade individual e do direito, racional e capitalista. Kimmel (1998) traz dois modelos de masculinidades que coexistiram no final do século XVIII. O primeiro modelo é o que o autor chama de patriarca gentil. O patriarca gentil era definido pela posse de terra, trabalhava supervisionando sua propriedade rural, ele é refinado, cordial, elegante e possuía uma certa sensualidade, era um pai devotado, passava muito tempo com sua família. O segundo modelo era o artesão heroico, ele era a personificação da força física, dotado da virtude republicana, dono de um pequeno negócio, também é um pai devoto. Podia conseguir o título de mestre artesão ao passar seu conhecimento para o filho.

Todavia, na primeira parte do século XIX emergiu os *Self-Made Man*. No início do século XIX, após a “decadência” do primeiro modelo de masculinidade. Os *Self-Made Man* eram ausentes dos seus lares, distantes dos filhos e de suas emoções, viciados em trabalho e buscavam constantemente a aprovação do seu meio para se afirmar enquanto homem. Sua masculinidade era constantemente questionada. A aquisição de bens materiais era uma das provas para se afirmar como homem.

O *Self-Made Man* desvaloriza os modelos de masculinidades antigos. “A principal maneira pela qual os homens buscavam demonstrar a sua aquisição bem-sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro” (KIMMEL, 1998, p. 113). O patriarca gentil agora é um europeu afetado, uma “bicha” do século XIX. O homem americano era direto, não afetado, simples, sem ornamentos, buscava dificuldades e aventuras ao invés de luxo. Um amante da liberdade e um cavalheiro natural. Já o artesão heroico foi expropriado de seu modelo, agora ele é apenas um trabalhador da massa cinzenta do proletariado. Os trabalhadores poderiam se juntar a dois conjuntos, um com a masculinidade bestial, sexualmente voraz e outro com a masculinidade insuficiente, indefeso, passivo e afeminado.

Além da masculinidade hegemônica, temos outras expressões de masculinidade. Januário (2016) nos cita três: cúmplice, subordinada e marginalizada/subalterna. Começando com a cúmplice, a autora nos diz que as masculinidades cúmplices se definem por aceitar os benefícios do sistema patriarcal. É a masculinidade na qual os homens se identificam com as práticas das masculinidades hegemônicas. Porém não necessariamente a cumpre com todo o rigor. Os homens percebem e desfrutam de suas vantagens, mas não a defendem publicamente; O segundo modelo, as masculinidades subordinadas se definem através das relações de dominação de gênero entre grupos de homens “a subordinação foi empregada no sentido da dominação heteronormativa e também dos homossexuais. Nas práticas de subordinação e dominação incluem-se violência e a discriminação econômica e social” (JANUÁRIO, 2016, p. 127); A terceira forma são as masculinidades marginalizadas ou subalternas que são as masculinidades que não se encaixam com o modelo hegemônico. A marginalidade é resultado de uma relação de poder que a hegemonia exerce sobre as demais formas de masculinidade, devido sua subordinação enquanto expressão de gênero, classe social e racialidade.

Universidade um espaço plural

A primeira Universidade foi fundada na Europa, durante a Idade Média. Considerada como detentora do “conhecimento legítimo”, seu objetivo era a criação e reprodução da alta

cultura, de conhecimento científico e humanístico voltado para uma população privilegiada para a criação da elite europeia. Tendo em mente que nosso sujeito da pesquisa está situado em um espaço universitário, consideramos necessário abrir um espaço para debater de forma rápida a universidade enquanto um espaço plural. Santos (2005) afirma que a Universidade está passando por três crises: da hegemonia, da legitimidade e a institucional. As três crises fazem com que a Universidade perca seu caráter elitista e seu posto como única detentora do saber legítimo, além de acarretar um processo de democratização dos espaços universitários, trazendo pessoas que antes não tinha acesso o curso superior, como negros, indígenas, pobres, ou pessoas que se encontram em marginalização como travestis e transexuais.

A primeira crise a ser abordada é a da hegemonia, justamente quando a universidade perde seu posto de única detentora do conhecimento legítimo ou da única produtora de “alta cultura”. Com a massificação do sistema universitário, as dicotomias entre a alta cultura e cultura popular; educação e trabalho; teoria e prática se introduzem no próprio sistema, as aumentando. Entretanto com a mudança da perspectiva de uma universidade que busca a elevação cultural de um povo, para uma Universidade tecno burocrática, focada na formação profissional do indivíduo, as dicotomias presentes no sistema universitário se desestabilizam. Os sujeitos antes esquecidos pela universidade buscam a superação dessas dicotomias, novas instituições que promovem pesquisa surgem, assim como centros de estudo e investigação promovidos e legitimados pelo Estado.

A segunda crise que falaremos é a da legitimidade, está ligada com a da hegemonia. Esta crise se deve diretamente aos novos sujeitos universitários, negros, indígenas e filhos das classes trabalhadoras, que agora estão tendo acesso a universidade. Com a popularização e massificação do ensino superior a Universidade se viu confrontada. Aconteceu o choque entre a hierarquização do conhecimento universitário, destinada a uma elite e reivindicações pela democratização da Universidade, com saberes plurais.

A última, a crise institucional é a que percebemos ser a mais debatida entre os acadêmicos e pesquisadores. A crise institucional se forma devido ao desinteresse do Estado em cumprir seu dever de manter a universidade pública, o Estado se caracteriza não mais como provedor de bens e serviços, mas como comprador deles. “A crise institucional era e é, desde há pelo menos dois séculos, o elo mais fraco da universidade pública porque a autonomia científica e pedagógica da universidade assenta na dependência financeira do

Estado”. (SANTOS, 2005 p. 7).

Convidamos Marilena Chauí (1999) para discutir dois modelos distintos de universidade: operacional e universidade como instituição social. Em seu texto “*A Universidade Operacional*” a autora descreve os modelos universitários e explica suas formas de funcionar. Chauí se posiciona claramente em defesa do modelo como instituição e tece fortes críticas a operacionalização das universidades. A universidade como instituição social é uma universidade autônoma, popular e democrática, que tem o propósito de estimular o conhecimento, o pensamento, a reflexão crítica e a democratização do saber e que seja articulada com a sociedade extramuros, pois segundo Chauí (1999), a instituição deve ter como base a sociedade, para sua referência normativa e valorativa. Bem, em contrapartida a universidade operacional, segue uma lógica capitalista e mercantil, se colocando no setor de prestação de serviços, o Estado realiza um contrato de gestão que limita a autonomia universitária na captação de recursos externos (não estatais) e o gerenciamento de receitas e despesas, estabelece também metas e critérios de qualidade a serem seguidos.

[...] a Universidade operacional opera e por isso mesmo não age. [...] Essa Universidade não forma e não cria pensamento, despoja a linguagem de sentido, densidade e mistério, destrói a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo, anula toda pretensão de transformação histórica como ação consciente dos seres humanos em condições materialmente determinadas. (CHAUÍ, 1999, p. 5-7).

Devido a democratização dos espaços, em decorrência da crise de legitimidade, e aqueles que defendem um modelo de Universidade como instituição social, os novos sujeitos que entram na Universidade, trouxeram pluralidades nos discursos e saberes para dentro dos espaços acadêmicos. Essa democratização, traz consigo possibilidades de crescimento pessoal e crítico para os seus membros através do debate de ideias e encontros com o diferente

Resultado e discussão

Esta seção se dedica a responder à pergunta que dá partida a esta pesquisa: como são formados os modelos de masculinidades dos estudantes de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco? Para cumprir tal objetivo, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, foram colhidos relatos de quatro estudantes do curso e, sob a luz das teorias que foram estudadas, este artigo analisará os dados obtidos para encontrar uma resposta que cubra nossas indagações. Analisando as entrevistas, foram identificadas

diferentes configurações de masculinidades entre os entrevistados, algumas delas se encaixando de algum modo na estrutura hegemônica e outras que expressam masculinidades fora de padrões heteronormativos. Foi encontrada variáveis que influenciam na construção das masculinidades, fatores como raça, religião e identidade de gênero, descobriu-se também que a Universidade e seus espaços universitários foram cruciais na formação de um pensamento crítico, que questiona determinados comportamentos naturalizados.

Entendesse que a raça é uma categoria criada a partir da colonização das Américas (QUIJANO, 2005), esse processo foi determinante para o extermínio de culturas originárias e criação de novas identidades, essas novas categorias ajudam a manter a estrutura de poder colonial, utilizando distinções biológicas como desculpa para naturalizar o racismo e a exploração. Nas entrevistas foi identificado a correlação de raça e masculinidades, entendo também que os valores culturais que uma determinada raça ou etnia carrega consigo.

Cantores, atores, pessoas públicas e os agora aqueles conhecidos como *influencers*, através de seus veículos de comunicação, se tornam sujeitos de mudança social, influenciando o pensamento de inúmeras pessoas. Em uma das conversas realizadas o entrevistado 1, ao ser perguntado sobre como sua raça ou etnia influenciou sua expressão de masculinidade, levantou o *Rap* como um fator de socialização que coloca valores e comportamentos que os homens devem possuir. Em sua fala:

O *Rap* veio me dar coisas concretas tipo: homem não mente, homem não faz isso, não trai seus amigos, homem respeita as pessoas, coisas muito mais palpáveis. Essa era a visão que eu tinha na época, a visão que foi me passada. [...] A questão do *Rap* foi a que mais me marcou realmente, como o Mano Brown agia e como ele dizia que ser homem é assim, se você ouvir as músicas de racionais, tem muitas que vão falar homem é homem e mulher é mulher. Frases que dizem o que é ser homem, acho que isso influenciou bastante na forma que me percebo. (entrevistado 1, entrevista concedida em 21 de novembro de 2021).

O “entrevistado 1” é um homem negro, que em sua infância e até os dias atuais consome produções vindas de artistas pretos e foi através de umas dessas produções, o *Rap*, um movimento artístico de rimas e poesias da cultura *hip hop*, que surgiu em comunidades de afrodescendentes nos Estados Unidos no final do século XX, que parte da expressão de masculinidade do nosso entrevistado foi formada, se valendo de valores como honra, integridade e lealdade.

Embora o primeiro entrevistado tenha apresentado um exemplo de como o fator étnico o influenciou na sua concepção de masculinidade, houve respostas em que os entrevistados

não sabiam se existia alguma relação entre raça e masculinidade e ou que consideravam que sua cor não influenciava na sua formação enquanto homem, relatos como “Não, não consigo lembrar algum motivo.” (entrevistado 3, entrevista concedida em 25 de novembro de 2021); “Não, eu não considero não, não vejo muita correlação entre minha raça e minha etnia relacionado a minha masculinidade, acho que não consigo enxergar uma relação entre os dois.” (entrevistado 2, entrevista concedida em 24 de novembro de 2021). A partir de algumas respostas nota-se uma recorrente alienação dos fatores que influenciam em suas masculinidades, isso devido a processos da naturalização de comportamentos considerados “papéis” de homem. Podemos percebê-lo nesta fala:

A questão de ser homem, está muito ligada a questão da proteção e como se a gente tivesse a obrigação de ser a pessoa que prove e que protege. Eu tendo a concordar com isso de certa forma com essa definição. Eu acho que por causa da minha criação da forma que eu fui criado porque foi assim que eu vi o meu pai, essa questão do espelho que ver como meu pai se comportava e acreditar que seria essa forma correta. (entrevistado 2, entrevista concedida em 24 de novembro de 2021).

Essa resposta foi obtida ao ser questionado sobre o que é ser homem em sua opinião, nota-se na citação acima a participação da família no processo de socialização, reproduções de comportamentos e valores enraizados no o seio da família nuclear: o homem é o sujeito que provê e protege (com o uso da força) a sua família, deixando para as mulheres serem as encarregadas do cuidado, da casa, dos filhos e do próprio marido. É preciso notar que falas como essa reproduzem discursos de opressão patriarcal, compatíveis com a masculinidade hegemônica que pode ser definida, segundo Connell (2005): “A hegemonia masculina pode ser definida como uma prática de gênero que incorpora a resposta atualmente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou é tida que garantia) a posição dominante para o homem e a subordinação da mulher.” (CONNELL, 2005, p. 77, tradução nossa)³

Voltando a pensar na colonialidade, sabemos que a religião, (primeiramente com a Igreja Católica, depois com a Protestante) foi um elemento essencial que contribui para a manutenção do padrão colonial de poder.⁴ Foi a igreja que implementou a narrativa da

³ No original: Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken guarantee) the dominant position of men and the subordination of women. (CONNELL, 2005, p. 77).

⁴ padrão colonial de poder ou matriz colonial de poder consiste no domínio da autoridade, dos setores econômicos, das expressões de gênero e sexualidade, dos conhecimentos e subjetividades. (MIGNOLO, 2017).

moralidade e valores cristãos entre os povos colonizados, essa narrativa perdura até hoje através dos processos de socialização, como fala o entrevistado 1:

Meus pais eles são muito religiosos, são evangélicos, desde os 18 anos e eles nunca deixaram de ser evangélicos. [...] Eu acho que a religião teve sim um papel forte na minha infância. Foi como falei eu vivia dentro da igreja realmente. Hoje em dia quando lembro da época da igreja tinha muitas divisões muita claras de gênero. Por exemplo, se eu tivesse um amigo que tivesse jeito [...] de ‘desmunhecar’ que o povo chama, isso era uma coisa que eu via as pessoas combaterem o tempo todo (entrevistado 1, entrevista concedida em 21 de novembro de 2021).

Comportamentos que desagradavam determinados valores morais da família nuclear patriarcal e heteronormativa eram cerceados e os sujeitos coagidos, até mesmo pessoas que detêm certo poder dentro da comunidade, como a figura do pastor, podem sofrer coerção por performar algum tipo de masculinidade que foge, mesmo um pouco, da estrutura regida do que seria o tipo ideal de hombridade.

Pronto, eu me lembro quando era criança, mudaram o pastor da igreja e veio um pastor de fora que era de Petrolina e ele tinha um sotaque que parecia que ele era gay, tá ligado? Pelo modo de falar. Ele tinha o sotaque do lugar, que a mulher dele também falava daquele jeito, os filhos dele. Só que era meio visto como uma coisa meio gay, as pessoas achavam estranho (entrevistado 1, entrevista concedida em 21 de novembro de 2021).

A respeito do entrevistado 2, que se declarou católico não praticante e falou um pouco a respeito do que lhe é importante para ser homem e essa relação com sua orientação sexual:

Acho que o mais importante pra você se tornar um homem é você responder pelos seus atos. A partir do momento que você responde pelo que você faz. [...] A gente tem aquela ideia da família nuclear, católica do homem e a mulher e seus filhos e o pai com uma proteção e eu acho que a tava muito ligada a você ser heterossexual de você casar e ter filhos e você vai cumprir todas as caixinhas pra ser um homem de verdade, formar uma família e ser responsável por ela basicamente. (entrevistado 2, entrevista concedida em 24 de novembro de 2021)

A orientação sexual também é um motivo que influencia as trajetórias dos sujeitos, fazendo com que aqueles que detêm uma orientação normativa (heterossexual cisgênero) detenham mais privilégios do que outras formas de expressão de gênero consideradas dissidentes. Enquanto pessoas LGBTQIA+ performantizam fora do padrão heteronormativo patriarcal, seus comportamentos são podados desde a infância, “você não pode agir de determinada forma”; “vestir determinada roupa”, discursos que intencionam homogeneizar seus comportamentos. Voltamos aqui atenção aos pais ou tutores próximos que cuidam das crianças, eles se tornam agentes de socialização.

Não ter o cabelo grande, não pintar as unhas, não usar gloss, coisas básicas. Por exemplo, não dançar, não rebolar, muitas coisas que eu faço ou como eu ajo. Minha família quer que eu agisse de certa forma eu me sentia mal, tendo que não ser eu pra poder ser aceito. Quando tava no meu quarto eu era eu, quando *tava* fora dele eu não era. (entrevistado 4, entrevista concedida em 27 de novembro de 2021)

Todavia o mundo social que envolve um sujeito é vasto e vai para além dos pais/tutores, pois existem outros agentes de socialização, como escola, trabalho, amigos e os veículos de mídia. A exemplo, o entrevistado 4 nos conta sobre uma comunidade do Coque que pessoas LGBTQIA+ são socialmente aceitas:

Aqui no Coque onde eu moro, tem uma comunidade muito aberta, que sempre está apto a apoiar pessoas que divergiam do padrão, como pessoas LGBT e eu cresci no meio disso e desde cedo eu fui aprendendo com isso e falando com ele e não sentindo medo de ser como eles [...] talvez se eu não morasse no Coque eu não teria a masculinidade que eu teria hoje. (entrevistado 4, entrevista concedida em 27 de novembro de 2021).

Ter ou não cabelo grande, unhas pintadas, rebolar ou “desmunhecar”, são comportamentos de masculinidades, expressões de gênero que são corporificadas, mas sem deixar de ser sociais como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante (CONNELL, 1995). Sendo essa performance expressamente visível, faz com que a impulsione a disputa pelo controle dos corpos. Agora, comportamentos heteronormativos são socialmente aceitos, carregando consigo privilégios que outros modelos não teriam, como fala o entrevistado 1 “Era só agir, era só ser você e tudo funcionava”. (entrevista concedida em 21 de novembro de 2021). O entrevistado 2 que embora heterossexual, ainda performa uma feminilidade “e por exemplo, eu depois de um tempo, me acostumei a falar no feminino sobre mim mesmo e tipo se eu estou no trabalho eu evito fazer isso porque é uma coisa que tipo, se eu fizer eu sei que vou ser marcado como uma pessoa estranha”. (entrevista concedida em 23 de novembro de 2021).

Para além da socialização de homogeneização da conduta masculina, pensar as masculinidades como relações além de culturais, institucionais. Connel (1995) afirma que devemos entender a construção da masculinidade como um projeto com interações complexas com instituições como a escola, mercado de trabalho, ou com forças culturais como comunicação de massa e religião. Conseguimos o exemplo do entrevistado 2 que por algum tempo serviu o exército brasileiro, através desse depoimento demonstra-se o exército enquanto uma instituição configura as masculinidades.

Na época do quartel com certeza. Você é moldado pra ser uma pessoa, como eu

disse, pra ser grosseiro, você é moldado pra não se importar muito com as pessoas e você é moldado pra desrespeitar principalmente as mulheres. A forma que você se comporta uns com os outros lá, você acaba levando pra fora, a forma que você fala, a forma que você se comporta, ficar dentro do quartel sangra pra sua vida lá fora e você acaba, em maior ou menor escala, mas você acaba sendo mudado por isso. (Entrevistado 2, entrevista concedida em 24 de novembro de 2021).

O exército assim se torna então institucionalmente uma máquina de produção, em determinada escala, de comportamentos hegemônicos de masculinidades. Ainda segundo o entrevistado 2, ele diz que dentro do exército não há espaço para individualidades, os comportamentos são homogeneizados e suas personalidades suprimidas, e então ele narra a situação de uma travesti, que sofria abusos diariamente.

Tinha uma pessoa em específico ‘um rapaz’ que hoje em dia é travesti, ela serviu comigo. Quando ela *tava* com agente, ela tentava se comportar o mais macho possível, e assim, ela sofreu muito na época. Era sempre aquela brincadeira ‘a fala direito’ para de se ‘portar como menina’ e os meninos desrespeitam bastante ela, era sempre aquela brincadeira de ficar apertando de ficar alisando e tipo ficar instigando-a a ter uma reação. (Entrevistado 2, entrevista concedida em 24 de novembro de 2021).

No âmbito das instituições, em contrapartida ao sistema do exército, temos as universidades como um agente de (des)construção do pensamento através da sua democratização. Os novos indivíduos que antes não tinham acesso aos espaços universitários começaram a fazer parte da comunidade acadêmica, gerando embate com diferentes tipos de ideologias. É através desse conflito que a universidade configura determinados aspectos das masculinidades. Vejamos então o que diz nosso entrevistado 1:

No primeiro ano eu *tava* muito focado em estudar, fazer o possível pra passar com as melhores notas, não pensava em mim mesmo de uma forma crítica. Aí teve um determinado momento que comecei a perceber que a universidade era muito grande, tinha muitas coisas pra fazer que iam para além da sala de aula e comecei a me abrir pra essas coisas e comecei a perceber que tinha que aprender novas formas de tratamento [...] eu vejo mais isso nos momentos culturais que é o momento que as pessoas se misturam, existe muito mais debate político, discussão política, muito mais pessoas vão lá no microfone pra falar de questões de LGBTfobia, pra falar sobre vivências. (entrevista concedida em 21 de novembro de 2021).

entrevistado 3 diz:

Então é uma coisa que eu aconselho muito as pessoas a entrarem em uma universidade porque ela abre muitas portas pra você, principalmente. Você começa a enxergar o mundo de uma forma mais abrangente onde existem várias pessoas de diferentes etnias, diferentes formas de se vestir, diferentes identidades de gênero, de diferentes sexualidades e aí você começa a ver que não é só aquilo que você viveu na sua infância na sua bolha e você acaba vendo que o diferente também é normal. (entrevista concedida em 25 de novembro de 2021).

Entender que a Universidade vai para além da sala de aula e foi nesse espaço que segundo os entrevistados, tiveram maior crescimento crítico a respeito de suas identidades e certos comportamentos que eram naturalizados. No entanto, a respeito do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, encontraram-se algumas críticas a respeito do pouco debate sobre assuntos relacionados a gênero e teoria queer.

Dentro do curso eu não tive muita discussão sobre orientação sexual e nenhum debate a respeito de questões sexuais, mas os nossos amigos e algumas pessoas que frequentam o curso, conseguiram abrir muito a minha mente, tá ligado? [...] Quando eu penso nas vivências que eu tive com meus amigos, isso para mim foi muito mais crucial do que habilidades que foram passadas na emenda obrigatória. Mas acho que a gente tem umas discussões sobre isso, quando a gente faz introdução a sociologia, por exemplo, tem uma aula sobre isso, mas eu acho que são coisas que quem me ensinou muito mais foi a prática. (entrevistado 1, entrevista concedida em 21 de novembro de 2021).

Embora o pouco debate de gênero dentro da grade curricular, o curso como um todo, é modelado na intenção da construção do pensamento crítico, formando profissionais em ciência sociais. Como relata o entrevistado 2:

O curso de Ciências Sociais pra mim foi uma das coisas mais importantes que eu fiz na minha vida. Mudou minha forma de ver o mundo de fato, eu comparado com a pessoa que eu era no começo do curso, sou totalmente diferente (entrevista concedida em 24 de novembro de 2021).

A Universidade institucional então se prova como uma agente de mudança social, um fator crucial para a reconfiguração de masculinidades. Esta pesquisa descobriu varias formas de socialização e construção de modelos de masculinidades entre os alunos de Ciências Sociais passando por fatores como raça, religião, orientação sexual, as teorias de socialização se mostram úteis para compreender os agentes de socialização como os pais/tutores, a mídia, e até projetos institucionais como o exército brasileiro e a própria universidade que respondem a pergunta inicial deste trabalho. Todavia um dado observado chamou atenção, o desconhecimento de alguns entrevistados sobre as relações entre raça/religião e suas masculinidades, demonstrando assim como tão pouco o gênero é debatido. Outro fato interessante da pesquisa foi o *feedback* relacionado às perguntas da entrevista. Perguntas como: “Para você o que significa ser homem?” ou “Como você descreveria sua masculinidade?” foram caracterizadas como difíceis para alguns entrevistados, mostrando que as masculinidades são pouco debatidas e se reduzindo a uma questão somente de masculinidade tóxica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve a intenção de encontrar as diferentes formas de socialização e reprodução das masculinidades nos alunos de ciências sociais da UFRPE. Esta pesquisa é importante para refletir sobre questões de gênero, principalmente as relacionadas às masculinidades, um campo de estudo relativamente novo nas teorias feministas que colocam os homens como o foco do estudo, entendendo as relações de poder entre as masculinidades. Descobrimos que modelos de hombridade que chegam mais perto da hegemonia, trabalham com patriarcado na subordinação de mulheres e outros modelos de masculinidades. Entende-se que as masculinidades são mutáveis e configuradas através do tempo e espaço, elementos como a raça, religião, origem de nascimento ou orientação sexual são levados em consideração pois são variáveis que constroem modelos plurais de masculinidades.

Em sua primeira infância, o sujeito é moldado por agentes sociais como os tutores, parentes e amigos que mostram as primeiras diretrizes de comportamento para a criança que está começando a explorar o mundo. Posteriormente esse sujeito irá se deparar com a influência de diferentes veículos de mídia, mostrando distintos discursos de hombridades. Também há outros vetores de socialização como o serviço militar e seu projeto de homogeneização e a universidade que por excelência é um espaço para o debate e a construção de novos saberes. Este trabalho descobriu alguns fatores responsáveis pelos modelos de masculinidades dos estudantes do curso, mas mais importante que isso, esta pesquisa criou um debate de gênero, questionando aspectos naturalizados dos comportamentos dos homens. Esperamos que com esse trabalho, outras pesquisas que se debruçam sobre gênero, em especial as masculinidades possam florescer e somar e trazer novas perspectivas e abordagem que possam somar ao debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Brigitte; BERGER, Peter. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. In: FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (org.). Sociologia e sociedade: leituras

de introdução à sociologia. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977

CHAUÍ, Marilena. **A Universidade Operacional** - São Paulo: [s.n.], 1999.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities** University of California Press Berkeley and Los Angeles, California, 2005.

_____, **Políticas das Masculinidades**. Revista Educação e Realidade. 1995

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador volume II Formação do Estado e Civilização**. Editora: Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1993.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (Re)construção. Gênero, corpo e publicidade**. Editora: Labcom.IFP. Corvilhã, 2016.

_____. Giselle; Maria; Marion (org). **Gênero, Educação e comunicação**. Recife, Editora: UFRPE. 2016.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Revista: horizontes Antropológicos. Porto Alegre. 1998.

MINAYO, M. C. S. (1993), “Técnicas de pesquisa”. In **O desafio do conhecimento**. 2ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, pp. 273 – 297.

MOORE, Henrietta. **Compreendendo Sexo e Gênero**. London, 1997

QUIJANO, Aníbal. Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 2005.